

Entre afeto e raiva: as emoções nas cartas da Baronesa de Piracicaba para Washington Luís

Between affection and anger: Emotions in letters from the 2nd Baroness of Piracicaba to Washington Luís

Mariângela de Araújo¹ 

Verena Kewitz¹ 

¹Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil

E-mails: araujomar@usp.br; kewitz@usp.br

Editores-chefes

Marcus Dores
Célia Lopes

Editoras convidadas

Isabel Seara
Renata Costa

Recebido: 28/12/2023

Aceito: 22/05/2024

Como citar:

ARAÚJO, M.; KEWITZ, V. Entre afeto e raiva: as emoções nas cartas da Baronesa de Piracicaba para Washington Luís. Revista LaborHistórico, v.10, n.2, e62477, 2024. doi: <https://doi.org/10.24206/lh.v10i2.62477>

Resumo

Neste artigo, analisamos algumas categorias emocionais em cartas pessoais da 2^a Baronesa de Piracicaba a seu genro Washington Luís, datadas de 1900 a 1921, que fazem parte do arquivo privado do titular sob a guarda do *Arquivo Público do Estado de São Paulo*. As emoções nas 29 cartas que compõem o *corpus* deste artigo foram analisadas quanto à estrutura composicional, aos temas tratados e às tradições discursivas. Dividimos a análise entre emoções positivas e negativas, ainda que não sejam categorias estanques, por dependerem do contexto em que são expressas. Por fim, relacionamos as escolhas lexicais e sintáticas referentes às emoções às tradições discursivas atreladas às cartas pessoais analisadas.

Palavras-chave:

Cartas pessoais. Emoções. Unidades lexicais e sintáticas. Tradições Discursivas. Relações familiares.

Abstract

In this paper we analyse emotion categories identified in personal letters written by the 2nd Baroness of Piracicaba to her son-in-law Washington Luís. The 29 letters date from 1900 to 1921 and are part of the personal archive of Washington Luís housed at the *Arquivo Público do Estado de São Paulo*. By the time his mother-in-law wrote the letters he was already an important political figure before being elected president of Brazil in 1926. The data were analysed qualitatively from lexical and syntactic units in terms of positive and negative emotions categories related to discourse traditions, considering the letters structure and the place where emotions can be expressed. Despite being older and wealthy, the baroness treats her son-in-law symmetrically as a real son in terms of affection and trust.

Keywords:

Personal Letters. Emotions. Lexical and Syntactic Units. Discourse Traditions. Family Relationship.

Introdução

A complexidade das emoções está atrelada à complexidade humana e assim também à complexidade da linguagem. Diante dessa afirmação, estabelecer a fronteira entre o que é *emoção* e o que é *sentimento*, seja por meio de unidades lexicais, seja pela definição dada em dicionários e compêndios especializados, implica uma pesquisa aprofundada que não poderá ser feita aqui.

Neste artigo, partimos do levantamento de unidades lexicais e sintáticas relacionadas às emoções expressas em 29 cartas escritas pela 2ª Baronesa de Piracicaba a seu genro Washington Luís, datadas de 1900 a 1921. Tais emoções se baseiam nas categorias indicadas em Demszky *et al.* (2020), para as quais extraímos as respectivas definições do *Dicionário Aulete Digital*. Em seguida, relacionamos as emoções levantadas em função do lugar em que ocorrem na estrutura das cartas, com base no modelo de Tradições Discursivas (Kabatek, 2006) e nas condições comunicativas do *continuum* da oralidade e escrituralidade, propostas por Koch; Oesterreicher (1990).

Este artigo está dividido da seguinte forma: na primeira seção, expomos o *corpus* de que selecionamos as cartas a serem analisadas. Em seguida, apresentamos os principais conceitos relacionados às condições comunicativas e às Tradições Discursivas, com foco nas cartas pessoais. A terceira seção é dedicada à descrição da estrutura e dos temas das cartas selecionadas, formando as bases para a análise do levantamento dos dados apresentados na última seção, dividida em três subseções (emoções positivas, emoções negativas e sua relação com as tradições discursivas).

O corpus sob análise: as cartas da Baronesa

O *corpus* selecionado para a presente pesquisa provém de um conjunto de cartas pessoais manuscritas e datiloscritas guardadas no fundo privado de Washington Luís no Arquivo Público do Estado de São Paulo. Esse fundo é composto de diversas caixas, cada uma contendo cerca de 600 documentos, organizados ora por remetentes, ora por período ou assunto.

Dentre as cartas pessoais recebidas pelo titular, foi preservada a correspondência da família Paes de Barros, cujos remetentes são seus cunhados, concunhados, sobrinhos e sogra, da qual tratamos mais adiante¹. Esse conjunto de cartas pessoais foi selecionado e editado por Simões; Kewitz (2006) e Kewitz (2016)². Para este artigo, foram selecionadas as 29 cartas lavradas pela sogra, Maria Joaquina Mello e Oliveira, conforme listadas no quadro 1 adiante. Embora assine sempre pelo apelido “Mariquinha”, fazemos referência à remetente sempre como “Baronesa” neste artigo.

Apesar de haver outras cartas relacionadas à Baronesa, como de bancos, casas comissionárias de café e do administrador de sua fazenda, editadas no mesmo conjunto (Kewitz, 2016), selecionamos apenas aquelas escritas pela Baronesa ao gênero Washington Luís. Ainda que as cartas dos filhos da Baronesa sejam igualmente relevantes quanto ao tema do presente dossiê, sua análise ficará para pesquisas futuras, pois o cruzamento de informações e das emoções nelas registradas demandaria um texto mais extenso do que este que ora apresentamos.

Pressupomos que, nos anos em que não há cartas, a comunicação entre remetente e destinatário tenha se dado presencialmente ou ainda por outras pessoas da família, pois a Baronesa teve vários filhos, genros, noras e netos, alguns dos quais tinham contato constante com Washington Luís.

Resumidamente, a inserção de Washington Luís na família se deu pouco antes de seu casamento com Sophia Oliveira de Barros, em março de 1900, pois era amigo de um dos filhos da Baronesa (João Oliveira de Barros) e primo de Everardo Vallim Pereira de Souza, casado com Antônia Oliveira de Barros (outra filha da Baronesa).

¹ Além da correspondência de familiares de sua esposa, provenientes da família Paes de Barros, há também no acervo diversas cartas dos familiares fluminenses do titular, as quais não constam da edição realizada por Simões; Kewitz (2006), exceto algumas de seu irmão Lafayette Luís Pereira de Souza.

² As duas edições totalizam 207 cartas distribuídas entre os membros da família Paes de Barros, de 1898 a 1950, além de cartas anexas ou outras relacionadas aos negócios da família (fazenda, bens, inventário, empréstimos etc.). A edição desse conjunto de cartas está disponível na página de *corpus* do Projeto História do Português Paulista. Para os propósitos deste artigo, as cartas no quadro 1 foram numeradas sequencialmente, sem respeitar a numeração originalmente atribuída nas edições indicadas. O *corpus* do referido projeto é aberto e não exige autorização para uso, desde que sejam citadas as referências aos editores dos materiais.

Quadro 1. Seleção de cartas da Baronesa.

Número	Data	Número	Data
1	12/04/1900	16	30/09/1914
2	11/06/1900	17	09/10/1914
3	07/09/1900	18	22/10/1914
4	15/06/1901	19	10/11/1914
5	11/06/1907*	20	07/12/1914
6	02/09/1909	21	08/12/1914
7	26/10/1909	22	26/12/1914
8	03/12/1912	23	08/01/1915
9	14/12/1913	24	20/01/1915
10	15/12/1913	25	14/02/1915
11	s/d	26	20/02/1915
12	s/d [1913]	27	23/02/1915
13	s/d	28	s/d
14	20/09/1914	29	27/08/1921
15	22/09/1914		

Fonte: elaboração própria.

*Esta carta é dirigida à sua filha Sophia Oliveira de Barros. Todas as demais são para seu genro Washington Luís.

A remetente das cartas selecionadas, a Baronesa, nasceu em Rio Claro, interior do Estado de São Paulo, em 05/09/1847, e se casou, aos 15 anos de idade, com Rafael Pais de Barros em 1863 (então viúvo com 33 anos) com quem teve 12 filhos, dos quais 3 faleceram com menos de um ano de idade. Ela era filha de José Estanislau de Oliveira (Visconde de Rio Claro), importante político e fazendeiro de Rio Claro. Rafael, por sua vez, era filho de Antônio Pais de Barros, 1º Barão de Piracicaba, personagem importante na história de Rio Claro, tendo sido um dos primeiros a introduzir o café na região (Ferraz, 1922; Dean, 1977, Santos, 2002). Rafael recebeu a Fazenda Santo Antônio, situada em Rio Claro, quando se casou com a Baronesa, tendo ali produzido café, algodão e açúcar; além dessa fazenda, Rafael possuía outras propriedades na vila de Rio Claro (*Almanak de Rio Claro para 1873*).

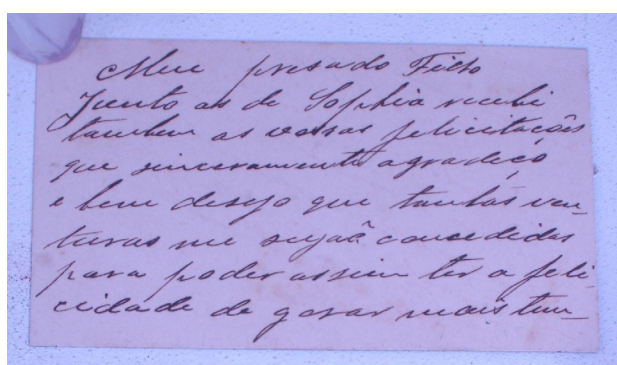
Tanto por parte de pai quanto de seu marido, a Baronesa estava inserida na elite paulista de grandes fazendeiros de café do século XIX. Mesmo tendo acompanhado a expansão da produção de café e de linhas férreas no oeste paulista, ela se dedicou basicamente ao casamento e aos filhos. Seu marido recebeu o título de 2º Barão de Piracicaba em 1880, e vários de seus irmãos e cunhados também receberam títulos (Campos, 2008).

Além da fazenda Santo Antônio, a Baronesa e o marido tiveram um luxuoso casarão na Capital paulista, para o qual se mudaram com a família em 1878 (Motta 1992), prática bastante comum entre os fazendeiros de café no final do século XIX e

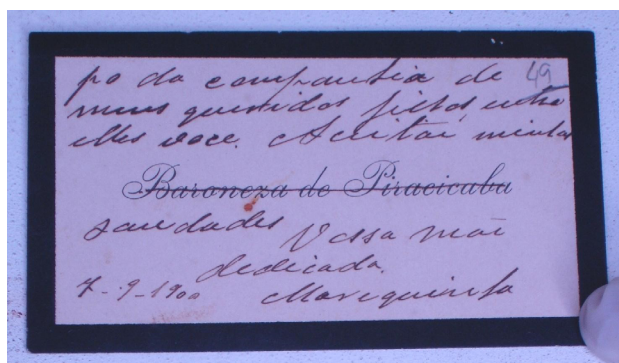
início do século XX (Homem, 1996, Campos, 2005). A menção a essas propriedades é recorrente nas cartas da Baronesa, especialmente a fazenda Santo Antônio, sobre a qual relata as dificuldades enfrentadas num determinado período.

Após o falecimento de seu marido em 1898, a Baronesa passa a se dedicar também à administração da fazenda Santo Antônio, inicialmente com o auxílio do filho mais velho Antônio e dos genros Everardo e Álvaro (Motta, 1992, Kewitz, 2016). Uma parte das cartas da Baronesa dirigidas ao genro trata justamente dos negócios da fazenda de forma recorrente e detalhada, pois em 1913 ele passa a atuar como seu procurador, auxiliando-a na administração.

Inserimos adiante as imagens e respectiva edição semidiplomática de um cartão dirigido a seu genro Washington Luís, a que chama (quase) sempre de “Filho” nas cartas.



Meu presado Filho
Junto as de Sophia recebi
tambem as vossas felicitações
que sinceramente agradeço
e bem desejo que tantas ven-
turas me sejaõ concedidas
para poder assim ter a feli-
cidade de gosar mais tem_



po da companhia de
meus queridos filhos, entre
elles voce. Aceitae minhas
Baroneza de Piracicaba
saudades
Vossa mãe
dedicada.
7 - 9 - 1900 Marequinha

Figuras 1 e 2. Cartão da Baronesa a Washington Luís (07.09.1900) e respectiva edição semidiplomática.

Fonte: Simões; Kewitz (2006)³.

³ As imagens das cartas editadas em Simões & Kewitz (2006) estão colocadas, no CD-ROM, separadamente da edição semidiplomática. Assim, as imagens e a respectiva edição apresentadas neste artigo são elaboração própria.

As condições comunicativas e as tradições discursivas das cartas

Acompanhando Oesterreicher (2012, p. 76), os estudos linguísticos, especialmente do campo da história das línguas, ganharam força por conta da diversidade de textos editados filologicamente, “que serviram para responder a numerosas e variadas exigências quotidianas em contextos privados, religiosos, administrativos e técnico-práticos”. Para se observar a variedade de registro e normas linguísticas, o modelo de Tradições Discursivas e as condições comunicativas, conforme propostas por Koch & Oesterreicher (1990), Kabatek (2006), entre outros, são cruciais.

A produção de textos se dá em dois principais eixos: o *gráfico* X *fônico* e o *continuum* entre oralidade e escrituralidade. O primeiro eixo costuma frequentar a literatura em geral quanto às diferenças entre língua falada e língua escrita, tomando-se como exemplos prototípicos um artigo científico X a conversação. Entretanto, essa dicotomia não dá conta da complexidade e dinamicidade dos diferentes tipos de textos; assim, analisá-los em termos conceptuais permite entrever as condições de cada situação comunicativa, ainda que haja a repetição de formas e fórmulas em textos que os caracterizam.

No *continuum* proposto por Koch & Oesterreicher (1990), qualquer texto pode ser descrito como conceptualmente [+oral] e [fônico], como uma conversa familiar, ou [+escrito] e [gráfico], como um artigo científico. Entretanto, há textos que não se encaixam perfeitamente nessas categorias prototípicas, como uma palestra, por exemplo. Medialmente, é um texto realizado fonicamente, mas conceptualmente, implica planejamento prévio a sua execução, grau de familiaridade baixo ou nulo entre os interlocutores, grau baixo ou nulo de dialogicidade⁴, entre outras condições.

Da mesma forma, uma carta pessoal, embora realizada graficamente, não apresenta as mesmas condições comunicativas de um artigo científico ou de um ofício. Na chamada tensão entre oralidade e escrituralidade, Koch & Oesterreicher (1990) propõem as seguintes condições comunicativas:

- a. Grau de publicidade do texto
- b. Grau de familiaridade (e/ ou intimidade) entre os interlocutores
- c. Implicação emocional
- d. Ancoragem dos atos comunicativos à situação
- e. Campo referencial
- f. Proximidade / distância física entre os interlocutores
- g. Grau de cooperação
- h. Grau de dialogicidade
- i. Grau de espontaneidade
- j. Núcleo temático

⁴ Mesmo havendo eventualmente expressões gestuais e faciais por parte do público que assiste a uma palestra, prototipicamente elas não alteram o texto do palestrante.

Considerando que a questão central, neste artigo, é desvendar, por meio de elementos linguísticos, que emoções e sentimentos são expressos pela Baronesa em cartas dirigidas a seu genro, partimos das condições comunicativas das 29 cartas datadas de 1900 a 1921 (quadro 1). Ressaltamos, porém, que as condições (d) e (e), conforme descritas pelos autores, serão tratadas aqui em conjunto:

- a. Caráter privado, mesmo que eventualmente algumas cartas pudessem ser lidas por outros membros da família, como a própria esposa Sophia.
- b. Alto grau de familiaridade e confiança entre remetente e destinatário. Em termos de idade seria pressuposto que a relação fosse assimétrica (Baronesa mais velha), mas as cartas revelam certo grau de simetria pelos temas e pela forma como são colocados. O fato de haver pedidos de ajuda de Washington Luís na administração da fazenda Santo Antônio e, sobretudo, por ele ser procurador da Baronesa a partir de 1913, entrevemos alto grau de confiança.
- c. Componentes emocionais claros e variáveis, o que está atrelado também aos temas abordados na carta e à familiaridade entre os interlocutores.
- d. e e. Grau médio-alto de ancoragem à situação comunicativa, pelo uso de elementos dêiticos, como *isto aqui, lá, daqui saiu, veio* etc., além dos pronomes pessoais de 1ª e 2ª pessoas (*eu, nós, tu, você, vós*), cujos referentes são facilmente recuperáveis pelo destinatário, por haver o compartilhamento de informações pessoais.
- f. Distância física entre remetente e destinatário.
- g. Nenhuma cooperação durante a produção da carta.
- h. Grau médio de dialogicidade, considerando a troca de correspondência e a pressuposta resposta à carta escrita e enviada. Além disso, há geralmente menção a correspondências trocadas (*recebi hoje sua presada carta*, Carta 28) e a diálogos com outros membros da família ([...] *Mas na ultima hora mandou-me diser que não teve tempo*, Carta 9).
- i. Grau médio-alto de espontaneidade. De um lado, observam-se estruturas e fórmulas típicas de cartas, como saudação e fechamento, ainda que variáveis; de outro lado, há diversos trechos contendo linguagem menos controlada. Ademais, algumas cartas apresentam alternância entre emoções positivas e negativas, revelando planejamento e execução quase simultâneos.
- j. Os temas, conforme apresentados no quadro 3 adiante, são medianamente variáveis: algumas cartas tratam de mais de um tema, enquanto outras se concentram basicamente nos problemas relacionados à fazenda Santo Antônio.

Tais como descritas, as condições comunicativas das cartas analisadas podem ser graficamente representadas, seguindo a proposta de Koch & Oesterreicher (1990, p. 8), em termos conceituais:

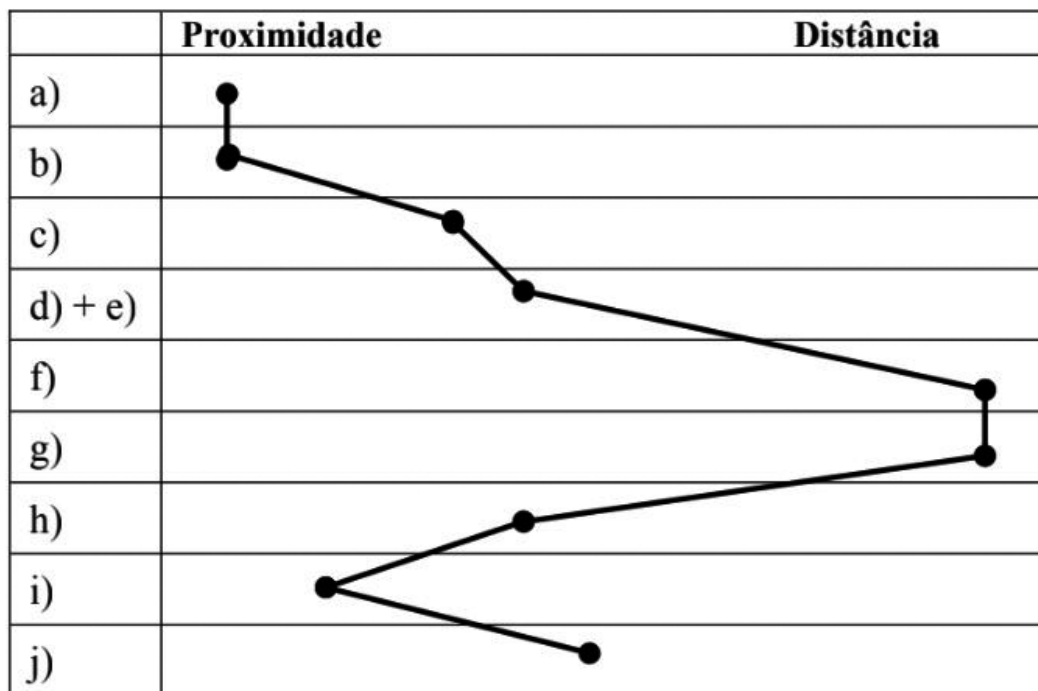


Figura 3. Condições comunicativas do conjunto de cartas da Baronesa.
Fonte: Elaboração própria.

Essas condições podem ser associadas à definição de Tradições Discursivas (doravante TD), conforme colocada por Kabatek (2006): modos de falar e escrever que se repetem, mas que estão sujeitos a mudanças ao longo do tempo. Ainda segundo o autor, qualquer finalidade comunicativa passa por pelo menos dois filtros concomitantemente: o da língua e suas normas (fonológicas, sintáticas etc.) e o filtro das TD. Um simples cumprimento, por exemplo, ativa esses dois filtros e produz nas várias línguas estruturas como *bom dia, guten Morgen, buenos dias* e assim por diante, e não *dia bom, dias buenos* etc.

O tratamento de textos de sincronias passadas, aliado ao trabalho filológico de edição, oferece ferramentas para melhor compreender tanto a história das línguas quanto a história dos próprios textos e o contexto em que expressões linguísticas ocorrem (Jacob, 2001). As formas de 1ª e 2ª pessoas (desinências verbais e formas pronominais), por exemplo, costumam ter lugar em textos envolvendo certo grau de dialogicidade, como cartas, peças teatrais, além da conversação.

A estrutura de cartas de variados tipos pode seguir certo padrão de organização, conforme expõe Castilho da Costa (2012, p. 150-151): “na retórica, as cartas são organizadas em cinco partes”, quais sejam: saudação; captação da benevolência do

interlocutor, informação sobre um estado de coisas (geralmente na forma de narrativa), pedido e conclusão. As cartas pessoais, especificamente, podem seguir essa estruturação, mas também podem variar quanto à presença e ausência de alguma dessas partes, como se vê no quadro 2, em que não consta nenhum pedido:

Quadro 2. Estrutura da carta da Baronesa ao genro Washington Luís (02/09/1909).

Querido Filho	saudação
Desejo_lhe saude, e a todos os nossos.	captação da benevolência
Esta tem por fim agradecer_lhe muito o exelente presente que me fez apreceei muito a tua boa lembrança, mil veses agradecida. Sophia vai passando regularmente muito tristonha, não sei se será saudades do esposo. Maria anda bem alegre mas muito enfasiada e um tanto palida, os outros tres muito alegres e saudaveis.	informação de um estado de coisas
Aceite saudades de todos e um abraço de tua Mãe que <i>muito</i> o estima e é <i>Obrigada</i>	pedido
Marequinha 2_9_909.	conclusão

Fonte: Elaboração própria.

Estrutura semelhante de cartas pessoais é proposta por Lopes (2012, p. 23), cujas partes são nomeadas da seguinte forma: local e data, saudação, contato inicial, núcleo da carta, seção de despedida e assinatura. Além da ausência de certas partes, como já apontamos acima, em algumas cartas, o pedido é feito logo depois da captação da benevolência. Nesse sentido, as cartas pessoais são mais flexíveis em relação à ordem, presença ou ausência de partes, à quantidade de assuntos tratados, à maneira de desenvolvê-los etc., o que não costuma ser a prática de cartas envolvendo relações assimétricas (ascendente ou descendente), sobretudo quando as relações não são entre familiares.

Considerar as TD e o contexto histórico e social em que as cartas são produzidas é de grande valor para analisarmos as escolhas linguísticas, pois refletem, além das individualidades das emoções e sentimentos, a maneira como estes poderiam ser expressos em dado período da nossa história.

Salvo engano, há poucas pesquisas sobre a condição comunicativa *implicação emocional* em documentos antigos brasileiros. Em geral, observam-se descrições mais gerais de todas as condições comunicativas propostas por Koch & Oesterreicher (1990) em variada documentação de diferentes épocas.

A estruturação e os temas das cartas

Com base na estrutura das cartas pessoais da Baronesa a seu genro Washington Luís, notamos certa regularidade em algumas partes. Na *saudação* e na *assinatura*, há pouca variação quanto aos recursos linguísticos. A relação familiar sogra – genro é marcada pela forma como a remetente se despede (*assinatura*), praticamente categórica pelo apelido *Marequinha*, exceto pela última carta (em que assina *Baronesa de Piracicaba*).

Na *captação da benevolência*, em geral, consta o desejo de saúde e/ou felicidade dos membros da família do destinatário (ele mesmo, a esposa Sophia e os filhos), e a *despedida* segue a TD em que a remetente manda lembranças e/ou saudades aos membros da família do destinatário.

A expressão de emoções evoca TD de cartas pessoais em que se reforça tanto a relação de afeto e confiança entre os interlocutores quanto sua própria inserção numa determinada sociedade e um dado período. Tal afirmação é comprovada por haver formas e até fórmulas na captação de benevolência e no fechamento de todas as cartas, embora em algumas seja algo bem breve como *Desejo_lhe saude, e a todos os nossos* (carta 6) e *Sua Mãe muito grata Marequinha* (carta 10), respectivamente.

O *núcleo* da carta (pedido e informação de um estado de coisas) é o espaço mais variável linguística e tematicamente e propício para a expressão de emoções e sentimentos, o que está relacionado diretamente aos temas da carta, sintetizados no quadro 3 adiante. Retomamos esses elementos na última seção do artigo.

Quadro 3. Temas das cartas da Baronesa.

Nº da carta	Data	Local	Tópicos das cartas
1	12/04/1900	São Paulo	Notícias de seus filhos e demais familiares; recebimento da carta; desejo de felicidades ao casal
2	11/06/1900	Fazenda Santo Antônio	Desejo de felicidades; compaixão pela filha Sophia estar longe de seus irmãos e demais familiares; elogios a Washington Luís como genro; notícias de familiares e visitas recebidas
3	07/09/1900	n/c ⁵	Agradecimento pelas felicitações recebidas em seu aniversário

⁵ Utilizamos n/c para indicar que a remetente não inseriu a data e/ou o local em que escreveu a carta. Em alguns casos, inserimos entre colchetes o local e/ou a data pela sequência de temas das cartas ou pelo fato de haver, por vezes, anotação do Washington Luís quando do recebimento da carta.

Nº da carta	Data	Local	Tópicos das cartas
4	15/06/1901	n/c	Agradecimentos em relação a objetos oferecidos a ela; viagem; saúde dos filhos e demais familiares
5	11/06/1907	Fazenda Santo Antônio	Dirigida à filha Sophia; notícias da remetente, sua saúde; agradecimento; notícias dos filhos e demais familiares
6	02/09/1909	n/c	Agradecimento; notícias de Sophia e da neta Maria
7	26/10/1909	n/c	Felicitações pelo aniversário do destinatário
8	03/12/1913	n/c	Preocupação com os negócios da fazenda, falta de dinheiro e dívidas
9	14/12/1913	n/c	Aviso de envio dos papéis da fazenda que seu filho mais velho Antonio lhe entregou
10	15/12/1913	n/c	Despesas e negócios da fazenda
11	n/c	n/c	Pedido de empréstimo de dinheiro
12	n/c [1913]	n/c	Confusão nas contas que ela fez referentes às despesas e dívidas da fazenda; relato do funcionamento da fazenda
13	n/c	n/c	Confusão com as contas; valor das dívidas da fazenda
14	20/09/1914	[Fazenda Santo Antônio]	Preço do frete do café; problemas da fazenda; notícias de familiares
15	22/09/1914	Fazenda Santo Antônio	Carta anexa sobre um terreno seu no bairro do Ipiranga (São Paulo) pedindo que o destinatário cuidasse do assunto; notícias de filhos e netos; beneficiamento do café
16	30/09/1914	Fazenda Santo Antônio	Negócios da fazenda; menção a uma carta de casa comissionária; pedido de dinheiro
17	09/10/1914	Fazenda Santo Antônio	Negócios da fazenda (seca, benefício do café etc.)
18	22/10/1914	Fazenda Santo Antônio	Pedido de demissão do administrador da fazenda; problemas na fazenda
19	10/11/1914	Fazenda Santo Antônio	Agradecimento pelo dinheiro enviado; negócios da fazenda; saída do administrador da fazenda
20	07/12/1914	Fazenda Santo Antônio	Negócios da fazenda (comissários de café); pedidos de demissão de colonos

Nº da carta	Data	Local	Tópicos das cartas
21	08/12/1914	Fazenda Santo Antônio	Resposta recebida do Sr. Telles (casa comissionária); decisão de sua filha Tonica e genro Everardo sobre não mais ajudá-la a cuidar da fazenda
22	26/12/1914	Fazenda Santo Antônio	Pedido de dinheiro a algum banco hipotecário; doença do neto Egberto (filho de Tonica e Everardo); troca de novilhos
23	08/01/1915	Fazenda Santo Antônio	Falta de colonos na fazenda; visita do avaliador da fazenda; comentário sobre Zé (talvez seu filho mais novo)
24	20/01/1915	Fazenda Santo Antônio	Notícias de familiares; necessidade de novo administrador na fazenda; comentário sobre a morte de Bernardino de Campos (falecido em 18/01/1915)
25	14/02/1915	Fazenda Santo Antônio	Presença de Juca (possível novo administrador da fazenda) e valor de seus serviços
26	20/02/1915	Fazenda Santo Antônio	Relato da contratação de Juca como novo administrador da fazenda; quando tiver de sair da fazenda; visita de parentes
27	23/02/1915	Fazenda Santo Antônio	Pergunta se é ela quem deve conversar com Juca ou se será o destinatário
28	n/c	Fazenda Santo Antônio	Problemas e contas da fazenda; auxílio de Everardo (seu genro) nos negócios da fazenda
29	27/08/1921	Rio de Janeiro	Encaminhamento de carta de uma sobrinha dela pedindo ao destinatário uma colocação na Companhia Light para seu padrinho; notícias de seu filho José, morador no Rio de Janeiro à época

Fonte: elaboração própria.

Pela análise das cartas da Baronesa a Washington Luís, verificamos que duas eram as grandes motivações para escrevê-las: (i) dar notícias da família quanto à saúde, visitas e apontamentos pessoais, demonstrando geralmente carinho, afeto e saudade; (ii) recorrer ao genro em momentos de preocupação com a administração da fazenda Santo Antônio e dos negócios da família, sobretudo pelo fato de ser ele seu procurador a partir de 1913.

Na próxima seção, observamos a variação nas escolhas lexicais e sintáticas, conforme o teor da carta, e também o “lugar” da demonstração das emoções quanto à TD. Nesse sentido, verificamos como a tradição na estruturação das cartas também define e convencionam as partes do texto em que certas emoções devem ser expressas, além de analisarmos a “liberdade” dada ao remetente no que se refere a essas tradições.

Emoções e sentimentos

Na literatura em geral, nos vários campos do conhecimento, não há consenso quanto à definição de *emoção* e de *sentimento*. Conforme exposto na introdução deste artigo, definir emoção e sentimento implica, antes de tudo, considerar a linguagem e o ser humano como entidades complexas (Morin, 2015). Assim, tudo o que está atrelado à linguagem, como variação, mudança, escolhas, usos, e ao ser humano, como os sentimentos e as emoções, pode ser também caracterizado como igualmente complexo.

Em função dessa complexidade, alguns estudiosos optam por analisar uma ou outra categoria emocional, a exemplo de Soares da Silva (2020, 2022). Outros abordam diversas categorias, em função do foco e da perspectiva do estudo. O que importa reter aqui são as possibilidades de emoções ou sentimentos que podem ser observados no *corpus* selecionado.

Não é nosso compromisso, neste artigo, apresentar esses conceitos, nem descrever criticamente as diferenças defendidas na literatura, tampouco apresentar uma proposta alternativa. Fato é que esses conceitos se entrelaçam ou se imbricam quando a questão é procurar observar como se expressam linguisticamente em determinados tipos de texto, no caso aqui, cartas pessoais.

Assim, tomamos emoções e sentimentos como equivalentes para os propósitos do que será exposto nesta seção. Além desses dois conceitos, um terceiro surge quando se trata de apreender emoções e sentimentos em cartas pessoais: atitude ou reação. Conforme Kövecses (2000, p. 64), algo causa uma emoção que leva a uma resposta ou reação. Assim, entende-se que sentimentos e emoções levam a pessoa a apresentar certos tipos de atitude. Nem sempre é claro o limite entre essas categorias ou conceitos.

O que parece ser consenso na literatura é o fato de a *emoção* estar vinculada à cognição, à cultura e à linguagem, como afirma Soares da Silva (2022, p. 48). Conforme o autor, “[o] modo como as emoções são conceptualizadas, percebidas, experienciadas, comunicadas, (não) controladas e avaliadas pode diferir entre sociedades e culturas”. Nessa linha e considerando mudanças culturais e sociais ao longo da história de uma sociedade, a diferença também pode ocorrer entre gerações ou períodos mais longos de tempo.

Para alguns autores, as emoções apresentam funções sociais por formarem e manterem relacionamentos (Fischer; Manstead, 2008). O tipo de emoção que se pode demonstrar dependerá do tipo de relação entre as pessoas. Da mesma forma,

determinadas situações comunicativas (faladas ou escritas) abrem mais ou menos espaço para a expressão de emoções. Essa é uma das várias condições comunicativas, propostas por Koch; Oesterreicher (1990), como já descrito anteriormente, ao lado das demais já descritas.

Faria (1999), ao tratar da representação do afeto, afirma que

(...) por um lado, as emoções são causa de algo (dão lugar a algo) e, por outro, algo é responsável por causar emoções. Esta questão, que obviamente está na base da representação das emoções, liga-se também à forma como cada comunidade linguística conceptualiza as causas e os efeitos das emoções. A causalidade emocional, segundo Dirven (1997) abrange tanto as emoções enquanto causa quanto a causa das emoções. (Faria, 1999, p. 388)

Por *representação do afeto* entendemos, em geral, expressões que demonstram sentimentos ou emoções positivas em relação ao outro, como uma mãe a um filho, por exemplo. Cartas pessoais, prototipicamente, pressupõem a demonstração de afeto, seja entre familiares, seja entre amantes/namorados, seja entre amigos. No caso específico das cartas sob análise aqui, vemos a demonstração do afeto por meio de certas unidades lexicais, como expomos na subseção 4.1, considerando, de um lado, que o léxico pode ser definido “numa perspectiva representativo-cognitiva, [como] a codificação da realidade extralinguística interiorizada no saber de uma dada comunidade linguística” (Vilela, 1997, p. 31).

Entretanto, considerando que há várias definições para língua e, portanto, para léxico e demais subsistemas (gramática, semântica, discurso, Castilho, 2010), também nos valem de estruturas sintáticas na identificação e análise das emoções e sentimentos expressos das cartas da Baronesa.

Para a análise apresentada nas próximas subseções, levamos em conta algumas categorias emocionais. Na literatura sobre o tema, as emoções são classificadas em positivas, negativas e ambíguas (Demszky *et al.*, 2020) ou ainda em superordenadas, básicas e subordinadas (Widen; Russell, 2008). Não expomos as diferenças entre essas classificações por não termos o compromisso de discuti-las, nem de apresentar classificações alternativas. Para os propósitos deste artigo, nos valem da classificação apresentada por Demszyk *et al.* (2020), nomeadamente *emoções positivas* e *emoções negativas*, reconhecendo, no entanto, o quão problemáticas podem ser quaisquer classificações estanques de categorias cognitivas como emoções. Da mesma forma, como já anunciado anteriormente, usamos os termos *emoção* e *sentimento* como equivalentes neste artigo. Sobre a dificuldade de classificação das emoções entre positivas e negativas, Soares da Silva (2022) afirma:

Considerando, por exemplo, a emoção de raiva, nas culturas coletivistas a raiva é predominantemente vista como uma emoção (mais) negativa, disruptiva da ordem social e da harmonia, devendo,

por isso mesmo, ser (mais) controlada e contida a sua manifestação. Pelo contrário, as culturais individualistas veem a raiva como uma emoção relativamente mais positiva e socialmente mais aceitável, sendo aí, conseqüentemente, menos controlada e mais exteriorizada. Orgakova e Soriano (2014) desenvolveram um estudo de corpus, cognitivamente orientado, sobre a conceptualização metafórica da raiva em inglês, espanhol e russo, mostrando que as metáforas que enfatizam a negatividade e a necessidade de controlo da raiva são mais salientes nas sociedades russa e espanhola, mais coletivistas, do que na cultura inglesa, mais individualista. Tomando uma emoção distinta, a experiência do orgulho tende a orientar-se para as realizações e os êxitos pessoais em sociedades mais individualistas, sendo aí o orgulho socialmente mais aceitável e positivo, e até desejável. As sociedades mais coletivistas tendem, em contrapartida, a orientar o orgulho para os êxitos do grupo ou da comunidade e a considerar o orgulho pessoal como uma emoção mais negativa e disruptiva. Van Osch *et al.*, (2013) concluíram que o orgulho se caracteriza por uma frequência e intensidade menores e por uma avaliação mais negativa nas culturas asiáticas, por natureza mais coletivistas, do que em culturas mais individualistas como a norte-americana. (Soares da Silva, 2022, p. 52)

Para os propósitos desta análise, consideramos os contextos de uso e a percepção da própria Baronesa sobre suas emoções, demonstrando como estas podem ser ambíguas e podem figurar com avaliações diferentes a depender do contexto. A seguir listamos – em ordem alfabética – as emoções apresentadas por de Demszky *et al.* (2020, p. 7), junto às definições de cada categoria, retiradas do dicionário *Aulete Digital*.

Quadro 4. Categorias emocionais para o português.

Categoria emocionais	Definição em português
aborrecimento	Sensação de desgosto, contrariedade, desagrado ou dissabor; amolação, problema
acanhamento	Comportamento retraído, ou característica de acanhado, próprio de pessoa tímida, modesta ou que se envergonha por algo.
admiração	Sentimento de estima ou simpatia; encantamento; sentimento ou atitude de respeito, de apreciação
aflição	Sufrimento causado por dor física ou moral, situação penosa etc; agonia, desolamento; estado de tristeza e abatimento causado por desgosto, dificuldade etc.; grande ansiedade ou preocupação; angústia

Categoria emocionais	Definição em português
alegria	Sentimento de grande contentamento, de satisfação, de prazer
alívio	Diminuição de dor, peso etc.; condição de quem se livrou de opressão; desaforo; descanso, folga, tranquilidade; consolo, conforto
amor	Sentimento que faz alguém querer o bem de outrem ou de alguma coisa
ansiedade	Sensação de aflição, receio ou agonia, sem causa aparente; inquietação ou impaciência causada por algum desejo ou vontade
aprovação	Manifestação de avaliação positiva, favorável de algo ou de alguém
arrependimento	Remorso por um mal cometido; mudança de opinião ou de atitude em relação a fatos passados
compaixão	Sentimento pesar, pena e simpatia para com o sofrimento de outrem, associado ao desejo de confortá-lo, ajudá-lo etc.
confusão	Estado mental de indivíduo que se encontra confuso, que não consegue pensar com clareza, com lógica, objetivamente
cuidado	Atenção especial ou precaução; cautela, prudência; zelo, desvelo, dedicação
curiosidade	Desejo de ver, ouvir, saber algo novo ou pouco conhecido; interesse pelo conhecimento ou investigação de determinado assunto
decepção	Sentimento de tristeza ou frustração ante o fracasso de expectativas; desapontamento, desilusão
desejo	Vontade, anseio ou ambição por alguma coisa; aspiração de ter, de conseguir ou de que algo aconteça
desespero	Estado de espírito ou sofrimento daquele que passa por inúmeras dificuldades e aflições e não tem como superá-las ou acredita que não o possa fazer; sofrimento moral extremo, misto de aflição, angústia, descontrole e tormento, ligado muitas vezes à sensação de perda (ger. irreparável)
entusiasmo	Sentimento caloroso de adesão a uma ideia, tarefa, trabalho etc., que leva ao otimismo e a uma atuação enérgica e dedicada
esperança	Expectativa otimista da realização daquilo que se almeja
gratidão	Reconhecimento de ajuda, benefício ou favor recebido
inveja	Misto de desgosto e ódio provocado pelo sucesso ou pelas posses de outrem; desejo intenso de possuir os bens de alguém ou de usufruir sua felicidade

Categoria emocionais	Definição em português
irritação	Estado de exasperação ou nervosismo; indignação, cólera
luto	Pesar pelo falecimento de algum ente querido; tristeza profunda
medo	Sentimento inquietante que se tem diante de perigo ou ameaça; fobia, pavor, terror; ansiedade diante de uma sensação desagradável, da possibilidade de fracasso etc.; receio
nervosismo	Emotividade descontrolada; descontrole temporário ou permanente dos nervos; estado de excitação nervosa, de ansiedade, que se nota nos indivíduos ansiosos.
nojo	Sentimento de asco, de repulsa por coisa de aspecto que desagrada ou cena chocante; pessoa, atitude ou comportamento que provoca animosidade, aversão
orgulho	Sentimento de satisfação com suas próprias características ou ações, ou com as de outrem
otimismo	Inclinação para ver as coisas pelo lado mais favorável; atitude esperançosa, confiante em relação ao futuro
preocupação	Pensamento que produz ansiedade, medo ou inquietação; apreensão, inquietação; ideia fixa e dominante, que absorve completamente o espírito, distraíndo-o de qualquer outra
raiva	Acesso violento de ira; cólera, fúria; ressentimento, ódio, rancor; grande aversão
receio	Ação ou resultado de recear, ficar apreensivo em relação a algo ou alguém; estado de dúvida ou incerteza acompanhado de medo relativamente às consequências de um ato ou ao resultado de uma situação
remorso	Sentimento de culpa e angústia que advém do arrependimento por algo que se fez contra alguém
satisfação	Contentamento; prazer que se tem ao realizar algo desejado
saudade	Sentimento evocatório, provocado pela lembrança de algo bom vivido ou pela ausência de pessoas queridas ou de coisas estimadas
surpresa	Fato que ocorre de maneira imprevista; sobressalto; espanto provocado pelo acontecimento de algo inesperado
tristeza	Falta de alegria, contentamento; desgosto, mágoa
vergonha	Sentimento de desconforto que alguém sente devido à exposição de suas particularidades, fraquezas, defeitos, etc, ou por ter cometido gafe, ato risível ou desabonador; constrangimento; sentimento ou situação de humilhação

Fontes: categorias adaptadas de Demszky et al. (2020, p. 7); definições extraídas do dicionário Aulete Digital.

Observamos, pela definição dada no dicionário, que algumas dessas categorias podem servir para identificar sentimentos e emoções similares, a exemplo de *aflição* e *desespero*, *medo* e *receio*, *esperança* e *otimismo*, para citar apenas algumas. Na linha do que afirmam Cruse (1986) e Ilari; Geraldi (1992, p. 46), para nós não há “sinônimos perfeitos”, embora as definições apresentadas no quadro acima indiquem certa proximidade ou semelhança entre algumas palavras. Além disso, observamos certa vagueza na identificação de algumas emoções e sentimentos em trechos das cartas pessoais sob estudo, o que nos permite, em certa medida, inseri-los em categorias maiores razoavelmente equivalentes, considerando aquela situação comunicativa específica.

Ainda a esse respeito, é importante observar que a equivalência entre algumas das categorias colocadas no quadro 4 ganha força pelo fato de estarmos diante de dados não visuais, como gestos e expressões faciais. Estamos lidando com elementos textuais, contendo certos recursos gráficos que são bastante limitados⁶. No período em que as cartas pessoais sob foco aqui foram escritas, salvo engano, não se recorria a elementos pictóricos em cartas manuscritas, como desenhos, recortes de jornais e revistas, talvez pela própria TD de cartas pessoais no período em questão (séculos XIX e início do XX). Mesmo em cartas escritas entre pessoas de relação simétrica, como amigos e irmãos, não era prática desenhar algo para ilustrar certo sentimento ou emoção, a exemplo de *coração* representando *amor*, *paixão* ou *carinho*, *amizade*, elementos mais recorrentes em cartas da 2ª metade do século XX em diante.

Tanto para as emoções positivas (4.1) quanto para as negativas (4.2), buscamos utilizar a categorização apresentada no quadro 4 acima.

Emoções positivas

As primeiras cartas são, em grande parte, dedicadas à manifestação de afeto, carinho, preocupação com a saúde de seus filhos e netos, visitas recebidas ou a receber, entre outros assuntos do cotidiano da Baronesa. São cartas datadas de 1900 a 1909, período marcado pelo casamento de Sophia e Washington Luís (março de 1900) e nascimento dos filhos do casal, entre 1901 e 1907: Florinda Maria, Raphael, Caio Luís e Victor Luís. O afeto pelos familiares e pelo destinatário se manifesta também nas cartas e cartões contendo felicitações de aniversário, seja dela remetente, seja do destinatário.

⁶ Como exemplo, citamos a prática de certos remetentes riscarem seu nome completo impresso em cartões de visita e inserirem um apelido ou o primeiro nome apenas, como se vê nas figuras 1 e 2 deste artigo. Entendemos que a Baronesa tenha se valido dessa prática em sinal de manutenção da relação familiar para com o destinatário, seu genro.

No levantamento das emoções positivas, agrupamos os itens lexicais nas categorias (i) a (vii) adiante, de acordo com a proximidade semântica estabelecida no interior das cartas; inserimos o número da carta em que os itens ocorrem⁷:

- i. **admiração, aprovação e orgulho**⁸ - “bom lavrador” (carta 26); “caráter elevado” (carta 1); “homem de qualidade” (carta 1); “homem brioso” (carta 24); “homem muito cerio” (carta 25); “orgulho”, referindo-se a Washington Luís (carta 7); “qualidades”, referindo-se a Washington Luís (carta 1); “sentimentos nobres” (carta 7); “boa”, referindo-se a Sofia (cartas 2, 14 e 15); “activo” (carta 28) “incansável” (carta 2); “apreciar”/ “apreçar”⁹ (cartas 1 e 6);
- ii. **alegria, satisfação e entusiasmo** - “praser” (cartas 1, 2, 4 e 14); “felicidade(s)” (carta 1, 3 e 7); “alegria” (carta 22); “satisfação” (carta 7); “bem estar” (carta 5); “alegre(s)” (cartas 4 e 6); “agradavel” (carta 2); “contente” (carta 26); “saptisfeito” (carta 29); “alegrar” (cartas 1); “aproveitar” (carta 4); “devertir” (carta 1); “passar bem” (cartas 8, 10, 11, 13, 14, 15 e 26); “sentir-se (muito) bem” (cartas 2, 5 e 26);
- iii. **amor e afeto**¹⁰ - “mãe” - sentido não-literal, tendo em vista que é uma denominação atribuída a ela em relação ao genro (em todas as cartas, com exceção da 5, dirigida à filha); “filho” - sentido não-literal, tendo em vista que é uma denominação atribuída ao genro (em todas, com exceção das cartas 5 - dirigida à filha -, 7, 9, 11, 12 e 13); “abraço” (cartas 1, 2, 6, 14, 17, 20, 28); “carinhos” (carta 2); “querido(a)(s)”, (cartas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 10, 14, 16, 17, 22 e 28); “presado(a)” (cartas 15, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 26, 27, 28 e 29); “affectuoso(a)” (cartas 14, 18, 19, 23, 24, 25, 26, 27 e 28), “caro” (carta 25); “estimar” (cartas 2, 4, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 21 e 29); “considerar” (cartas 1, 7, 8 e 29); “abraçar” (cartas 2, 4 e 15); “querer” - na expressão “o quer” (cartas 20 e 22);

⁷ Organizamos a apresentação dos exemplos inicialmente observando as classes gramaticais. Primeiramente são apresentados os substantivos (ou sintagmas nominais), depois os adjetivos, seguidos dos verbos, e, por último, palavras de classe fechada (Ilari Org. 2015) que nos pareceram relevantes. O segundo critério utilizado foi a recorrência dos itens lexicais em cartas diferentes. Por último, quando a recorrência era a mesma, foi utilizada a ordem alfabética.

⁸ Inserimos nesta categoria o “orgulho” em razão de esta emoção, nas cartas, estar muito relacionada à admiração que a remetente tem pela filha e pelo genro.

⁹ Apresentamos todos os verbos no infinitivo, sem demonstrar suas flexões, uma vez que elas podem ser numerosas, diferentemente do que acontece com os nomes, para os quais decidimos mencionar as formas flexionadas registradas nas cartas. Ademais, mantemos a grafia original da remetente.

¹⁰ Aqui acrescentamos o “afeto”, tendo em vista que o “amor” costuma ser definido como um sentimento de bem querer mais intenso e profundo.

- iv. **cuidado** - “dedicação” (carta 2); “enterece”/“interesse” (carta 4); “cuidada” (carta 26); “dedicada” (carta 3); “cuidar” (carta 4); “ligar” (carta 4);
- v. **desejo e esperança** - “desejo” (cartas 1, 17 e 26); “esperança(s)” (cartas 20 e 24); “desejar”, na primeira pessoa (cartas 3, 4, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 20, 22, 23, 25, 27 e 28); “estimar”, expressando desejo (cartas 4 e 19); “esperar”, na primeira pessoa (carta 2); “que” + verbo no subjuntivo, expressando desejo (cartas 1, 4, 14, 18, 21, 22, 24 e 29);
- vi. **gratidão** - “grata” (cartas 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28 e 29); “obrigada” (cartas 1, 2, 4, 5, 6, 7 e 15); “agradecida” (carta 6); “agradecer”, na primeira pessoa (cartas 3, 6, 14, 19 e 28);
- vii. **saudade** - “saudade(s)” (em todas as cartas, com exceção das 7, 9, 10 e 15); “falta” (carta 24); “saudosos(a)”, “saudozo(a)” (cartas 1, 2, 14 e 17).

O levantamento apresentado nos mostra como as emoções positivas estão presentes de forma recorrente nas cartas enviadas pela Baronesa a seu genro Washington Luís. Conseguimos observar, por meio da análise das cartas, que se foi construindo, ao longo do tempo, uma relação de confiança e afeto entre os emissores. A saudade, a gratidão e o afeto são emoções encontradas em quase todas as cartas, expressas com a mesma unidade lexical (“saudade(s)”, por exemplo), ou com mais diversidade vocabular (“grata”, “obrigada”, “agradecida”, por exemplo).

Alguns itens lexicais começam a dar lugar a outros. Enquanto nas primeiras cartas os elogios a Washington Luís são frequentes, demonstrando admiração, no decorrer do tempo estes parecem ter se tornado desnecessários, dando lugar a demonstrações de carinho mais evidentes. Apenas a partir da carta 20 o “considerar” e o “estimar” dão lugar ao “querer” (o mesmo verbo usado na carta destinada à filha Sophia); de “[...] de vossa mãe que muito que muito o estima [...]” (carta 4) passamos a “[...] aceitai saudades da mãe que muito o quer [...]” (carta 20). Da mesma forma, o item lexical “affectuoso(a)” passa a ter lugar nas correspondências da Baronesa ao genro a partir da carta 14.

Para além do levantamento das unidades lexicais utilizadas nas cartas e associadas às categorias de emoções que expusemos, cabe também ressaltarmos alguns usos linguísticos que expressam essas emoções. Nesse sentido, é interessante ressaltarmos em especial três: a utilização de apelidos, o uso do diminutivo e as escolhas pronominais.

Sobre os apelidos, em especial, é necessário destacar os utilizados pela Baronesa para denominar o genro. Embora a Baronesa utilize mais frequentemente o nome *Washington*, podemos encontrar nas cartas as reduções *Wash* e *Wás*. A nosso ver, essas escolhas demonstram a proximidade entre os interlocutores, a quem se permite uma denominação mais íntima e cotidiana.

Em relação aos diminutivos, estes são frequentes nas cartas quando há referência aos netos da Baronesa, assim como quando são citados nomes de parentes próximos.

Citamos alguns exemplos: “netinhos”; “Tatinha”; “Candinha”; “companheirinho”; “Juquinha”; “coitadinha”; “Tonica”.

No que diz respeito às escolhas pronominais, primeiramente destacamos o uso de “nossos”, para identificar aqueles parentes que são próximos e queridos: “Desejo-lhe saúde, e a todos os <nossos>” (carta 6). Além disso, é também interessante verificar que as escolhas pronominais da Baronesa para se referir ao genro parecem também ter mudado ao longo do tempo: nas primeiras cartas estudadas, datadas de 1900 e 1901, há o uso constante da segunda pessoa do plural (sobretudo, no que diz respeito aos possessivos: “vossa carta”, “vossa mãe”) e da terceira do singular (devido ao uso do “você”); nas posteriores, começamos a encontrar com mais frequência o uso da segunda do singular - nas cartas anteriores ela só aparece em “como és querido pelas pessoas d’ahi” (carta 2). O uso da segunda do singular nos parece comprovar o grau de intimidade que vai se estreitando entre os interlocutores, tendo em vista que essa é a escolha também para o tratamento da filha Sophia: “Querida Filha, Hontem recebi <tua> presada carta [...]” (carta 5).

As mudanças no quadro dos pronomes pessoais no português brasileiro, já muito estudadas (Lopes *et al.* 2018, Scherre *et al.* 2015, Monte 2015, 2020, Carneiro; Lacerda; Batista 2021, entre outros), podem ser descritas em termos de variação estável, como ocorre com o uso de *você* na posição de sujeito e das formas de tu nas demais funções sintáticas (como *ele te chamou, mas você não ouviu*), além das mudanças em relação às formas nominais *vossa mercê* e *gente* (Lopes *et al.* 2018). Em alguns desses estudos, são considerados os tipos de relação entre os interlocutores: simétricas, assimétricas descendentes (superior para inferior) e assimétricas ascendentes (inferior para superior). Especificamente sobre esse aspecto, que está mais diretamente ligado aos propósitos deste artigo, nos valem das constatações em relação às cartas da Baronesa ao genro apresentadas em dois dos estudos mencionados acima:

(...) trata-se de uma relação assimétrica descendente, mas não prototípica, haja vista que a baronesa, apesar de ser mais velha e estar em uma posição que prevê deferência social, trata o seu genro com um misto de carinho e vênica, sobretudo pelo fato de ele ser uma figura importante à época (...) (Lopes *et al.*, 2018, p. 87¹¹)

A relação entre a Baronesa de Piracicaba e seu genro Washington Luiz é marcada por níveis hierárquicos distintos, e a ocorrência da forma *você* evidencia seu caráter híbrido. Como já demonstrado por Lopes *et al.* (2018), há diferentes nuances de relacionamento

¹¹ O capítulo de onde extraímos esta citação foi elaborado por diversos autores, distribuídos por Estado (Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais, São Paulo e Santa Catarina). A seção referente aos dados de São Paulo foi elaborada por Vanessa Martins do Monte e Sabrina Balsalobre, que analisaram cartas pessoais dos séculos XIX e XX, dentre as quais as mesmas que analisamos neste artigo.

que variam de acordo com os assuntos tratados nas cartas, sendo possível atestá-lo, a partir do vocativo utilizado pela Baronesa, ora sendo “meu querido filho”, quando os assuntos tratados são familiares, ora sendo “prezado Washington”, quando os assuntos tratados são sobre pedidos de favores e negócios. (Carneiro; Lacerda; Batista, 2021, p. 502)¹²

A observação das cartas da Baronesa ao gênero Washington Luís revela que a relação entre eles é assimétrica descendente, como atestam Lopes *et al.* (2018), quando a sogra expressa preocupação com filhos e netos. Entretanto, há também diversas passagens em que a relação muda para assimétrica ascendente, sempre que a Baronesa relata os problemas relacionados aos negócios e expressa, por isso, sentimentos negativos, como expomos na próxima seção. Dessa forma, as relações sociais podem ser observadas não apenas pelo uso de determinadas formas de tratamento como também pelas emoções expressas, além das demais condições comunicativas apontadas anteriormente.

Emoções negativas

À semelhança do que fizemos com as emoções positivas, nesta seção também agrupamos algumas emoções negativas que, durante a análise, pareceram-nos aproximarem-se semanticamente. Por essa razão, serão apresentadas em conjunto nos itens a seguir, com os exemplos encontrados nas cartas:

- i. **aborrecimento** - “aborrecimentos” (cartas 18 e 19); “amollação” (carta 16); “inconveniente” (carta 26); “encomodar” (cartas 11, 12 e 29); “aborrecer” (carta 16); “amolar” (carta 24); “aturar” (carta 29);
- ii. **acanhamento e vergonha** - “acanhamento” (carta 11); “acanhado” (cartas 11 e 29), “desculpar” (cartas 11, 12, 13, 16, 18 e 29);
- iii. **ansiedade** - “espera” (carta 25); “anciosa” (cartas 2 e 4); “esperar”, no sentido de aguardar (cartas 2, 16, 20 e 24);
- iv. **desespero, aflição, preocupação e receio** - “aflição” (carta 28); “desespero” (carta 8); “luta”, em sentido figurado (carta 10); “afлита” (cartas 12 e 20); “desesperada” (carta 10); “affligir”/“afligir” (cartas 2 e 29);
- v. **irritação, nervosismo e raiva** - “impaciência” (carta 22); “nervos” (carta 5); “erritar” (carta 14); “suportar” (cartas 2, 15 e 29);
- vi. **tristeza e desânimo** - “tristes” (carta 18); “desanimados(a)” (cartas 19 e 23); “triste” (cartas 5, 22, 23 e 26); “tristonha” (carta 6); “custar”, no sentido de *ser difícil de passar por uma situação* (carta 2); “sentir”, no sentido de *sofrer por* (cartas 2, 14 e 21); “infelizmente” (cartas 15, 19).

¹² Discutimos os vocativos das cartas na seção em que abordamos as TD relacionadas às emoções.

Observando as emoções negativas descritas de (i) a (vi), verificamos facilmente que estas aparecem de forma menos recorrente nas cartas - não há emoções negativas que se repetem em quase todas as cartas, diferentemente do que observamos em relação às emoções positivas. Parece-nos ainda, ao analisar as cartas, que se torna mais difícil estabelecer um limite preciso entre uma emoção e outra, por essa razão agrupamos emoções que em definição são distintas, mas nos textos são muito próximas, como *desespero*, *aflição*, *preocupação* e *receio* – mais adiante apresentamos pequenos excertos das cartas que demonstram essa questão.

Também foi para nós difícil estabelecer um limite preciso entre *aborrecimento* e *irritação*, *nervosismo*, *raiva*. Entretanto, observando os textos, conseguimos averiguar que as unidades lexicais relacionadas a *aborrecimento* estavam mais atreladas aos sentimentos que a Baronesa atribuía a Washington Luís: a seu ver, ela estava causando a ele “amolação”, “aborrecimentos” e “incômodos”. É possível dizer que esses sentimentos vincularam-se ao fato de ela estar ciente de que as atribuições de seu genro como deputado e prefeito¹³ demandavam tempo e atenção. Por essa razão, junto dessas unidades lexicais, encontramos nas cartas também aquelas que se referem ao *acanhamento* e à *vergonha*. Nesses casos, há algumas expressões de modalização que reforçam essas duas últimas categorias: *quem sabe* (carta 8), *peço-vos desculpar a liberdade* (carta 11), além da flexão verbal (*poderia...*) e de sentenças complexas (*como nacturalmente não terás essa quantia em casa, vos peço se tiveres 100\$,* carta 11), entre outras formas.

Ainda sobre a distinção entre as categorias de *aborrecimento* e *irritação*, constatamos que, na segunda categoria, estão as unidades lexicais referentes às emoções da própria Baronesa ou de terceiros, uma vez que, em alguns momentos, ela relata situações vividas que causam irritação; em outros, mostra indignação com os procedimentos daqueles que estavam responsáveis pela administração de sua fazenda. Sobre esse tema especificamente, é necessário enfatizar que outras escolhas lexicais presentes nas cartas (cujos significados podem não ser relacionados, a princípio, à irritação ou à raiva) corroboram nossa constatação e demonstram mais evidentemente as emoções da Baronesa. Nesse sentido, é importante mencionar, primeiramente, os adjetivos e algumas denominações atribuídos aos que cuidavam da fazenda ou nela trabalhavam: “acoloiados”, “aproveitadores”, “desleichados”, “veceiados” (para os colonos), “infame” e “Satanás” (para o administrador). Também nos parecem interessantes as escolhas lexicais hiperbólicas: “anarquia”, “aterradora”, “calamidade”, “horror”, “medonho”, “mísero”, “terrível”, por exemplo.

¹³ No período correspondente às cartas da Baronesa aqui analisadas (1900 a 1921), Washington Luís exerceu os seguintes cargos: advogado em São Paulo (com o sócio e concunhado Alvaro de Sousa Queiroz); deputado estadual (1904-1905 e 1912-1913); secretaria de Justiça e Segurança Pública de São Paulo (1906-1912); prefeito de São Paulo (1914-1919); presidente do Estado de São Paulo (1920-1924).

Por fim, as emoções negativas podem ser captadas também pela sequência de sentenças complexas (coordenadas, subordinadas, clivadas, justapostas ou reduzidas). O *acanhamento*, exemplificado em (1), é expresso tanto pelas unidades lexicais (*acanhamento* e *me acanha*) quanto pela sequência de sentenças complexas (destacadas em itálico):

1. *É com bem acanhamento que vos derijo esta para pedir-vos um favor, peço-vos desculpar a liberdade, mas no momento não me ocorre outra pessoa a quem me chegar; se voce podesse emprestar-me 500\$ até eu arranjar o negocio com o commissario, te pagarei, e ficarei muito grata, (...), vos peço se tiveres 100\$ mandar-me pelo portador, não fizes ideia o quanto me acanha estar encomodando a outros ainda mais nesse sentido. desejaria que inutilisa<ce> esta depois que “ler” (carta 11, s/d)*
2. *Washyhton, passei a noite pensando o que poderia faser para descançar com estes negocios, e assim pencei quem sabe se voces possam comprar tudo isto casa e terrenos, me dando mil e dusetos contos, voces pagando a divida do Lara, restaõ 700 contos com isso eu ficando com metade da quantia que derem para a desapropriação, me pagando da divida 7, sete por cento. Já não posso mais estar neste desespero preciso descanço. (carta 8, 03/12/1913).*

O trecho exemplificado em (2), a remetente se vale do vocativo para chamar a atenção do destinatário e inserir, em seguida, o problema, possivelmente já conhecido por ele pelo uso de *estes* (*negócios*). Ela se vale também da expressão modalizadora *quem sabe* para propor uma solução ao seu *desespero*, claramente expresso pelo segmento em destaque.

3. (...) estou desanimada, *com a divida taõ grande, pouca colheita, café a 3:500.* não sei o que será de nós!! (carta 19, 10/11/1914)

No exemplo (3), além da unidade lexical *desanimada*, a sequência de três sintagmas reforça a leitura de *desânimo* culminando no *desespero* com a sentença subordinada que finaliza tal sequência, além do uso de exclamação. No exemplo (4), observamos sintagmas nominais (*um horror, aquele infame, abandono completo*) vinculados ao sentimento de *raiva*:

4. (...) mas tem cerviços a faser, *que é um horror aquelle infame que daqui saio deichou n'um abandono completo, nem a palha do café, que deve sêr espalhada juntamente com o sisco elle fes,* enfim aos poucos iremos indo, (...) (carta 28, s/d)

Além da *raiva*, a *indignação* se faz presente pelo uso de *nem* como marcador de focalização negativa, levando-se em conta uma escala de tarefas que deveriam ser feitas pelo administrador (*aquella infame*), desde algo mais simples e corriqueiro (espalhar a palha do café) até algo mais demorado e complexo. A focalização de *nem* complementa o próprio sintagma nominal *um completo abandono* que o precede.

Emoções e Tradições Discursivas

Ao tratarmos de um tipo específico de textos, como são as cartas pessoais, não é possível desconsiderar que estes têm uma estrutura que serve como um modelo para nossas produções individuais. Por mais que tenhamos certa liberdade, costumamos seguir o que se convencionalizou, para que não causemos demasiado estranhamento a nosso interlocutor, além de mostrar-lhe que reconhecemos e sabemos como nos comunicar utilizando-nos de um modelo.

A tensão entre oralidade e escrituralidade proposta por Koch & Oesterreicher (1990), como expusemos na segunda seção, forma um conjunto complexo de condições comunicativas prévias à produção de qualquer texto (fônico ou gráfico). As cartas da Baronesa a Washington Luís, em seu conjunto, apresentam tal complexidade dadas as condições descritas, tais como privacidade, espontaneidade, temas variados, certo grau de dialogicidade, grau médio de ancoragem e temas variados, ainda que possam ser reunidos em dois grandes conjuntos (família e problemas da fazenda). Neste artigo, focamos mais nas condições *familiaridade* e *implicação emocional*, sem deixar de lado as demais condições.

Em nossa fundamentação teórica, abordamos a maneira como as cartas pessoais costumavam se estruturar, situando-as em um período histórico em que se reconheciam determinadas TD¹⁴.

Analisando essas TD e as emoções que levantamos nas cartas da Baronesa a Washington Luís, constatamos que há lugares na estrutura das cartas em que certas emoções são esperadas e em que, seguindo o modelo convencionalizado, elas devem aparecer. A seguir, retomamos o quadro 2, apresentado sobre as TD, adaptando agora às emoções que identificamos e trazendo outra carta, em que todas as partes estão contempladas.

¹⁴ Para fins de simplificação, não faremos referência aos autores já referenciados nas seções anteriores deste artigo (Kabatek 2006, Koch; Oesterreicher 1990, Castilho da Costa 2012, Lopes 2012) toda vez que utilizarmos a sigla TD nesta seção e nas considerações finais.

Quadro 5. Tradições Discursivas e Emoções na Carta 19.

Meu presado Filho	saudação	amor, afeto
Recebi sua carta, estimando que continuem com saude, que o Victor ache-se completamente livre da febre, que com a epidemia do thipho ahi, qualquér febresinha fica-se apreenciva.	captação da benevolência	desejo/ esperança
Recebi os 500\$ muito agradeço, voce não descontou os 100\$ que deraõ a Maria (criada) Remeti para Santos, no dia 10 <e> H e 9, 250 sacas de café, e amanhã devem seguir 150, ja fis a guia. que me custou um pouco, mas está conforme, amanhã é que vou mandar os conhecimentos das 250 sacas que só hoje mandaraõ-me da estaçãõ. O beneficio esta_se fasendo a machina movida a agua, não se poderá finalizar o beneficio assim, acredito que sim, porque infelismente estamos quase no fim, creio que nem 14 arrobas darã., e os preços desgracados,	informação de um estado de coisas	gratidão*/ tristeza*
se ainda podesse pedir ao Comissario que guardace por mais algum tempo talves, melhore a praça de Santos estou desanimada, com a divida taõ grande, pouca colheita, café a 3:500. não sei o que será de nós!! O Alvarenga seguio hontem, bem avalio seus aborrecimentos nos ajustes de contas, enfim Deus queira que o substituto venha endereitar isto que esta uma verdadeira anarquia	pedido	aborrecimento / acanhamento desânimo*/ esperança*
Saudades a Sofia, a meus netinhos aceitai as mesmas da Mãe Affectuosa e grata. Marequinha. 10_11_914.	conclusão	saudade/ afeto/ gratidão

Fonte: Elaboração própria.

No quadro anterior, distribuímos as emoções encontradas em cada parte da carta. Ao aplicar esse procedimento a todas as cartas, é possível constatar que em algumas partes haverá uma variedade maior de emoções, enquanto em outras essa variedade é mais restrita. Nos parágrafos a seguir essas afirmações serão mais detalhadas.

Quanto às partes das cartas em que as emoções são mais variáveis, apontamos a parte em que há “informações a respeito de um estado de coisas” e a parte em que se faz o “pedido”. É necessário também mencionar que essas são justamente as

partes mais flexíveis das cartas pessoais: não necessariamente há um pedido e, em algumas circunstâncias, apenas o pedido pode ser feito. Desse modo, é coerente que as emoções expressas nessas partes sejam também bastante variadas. Por essa razão, as emoções descritas no quadro 5 atribuídas às “informações a respeito de um estado de coisas” são apresentadas com um asterisco, indicando que elas não necessariamente se apresentarão e poderão dar lugar à expressão de outras emoções; da mesma na parte referente ao “pedido”, uma diversa gama de emoções pode estar expressa. Entretanto, ao apresentar-se um “pedido”, geralmente há alguma expressão que demonstre certo “acanhamento”, pois costumamos considerar que ele poderá ser custoso a nosso interlocutor. Nas cartas da Baronesa a Washington Luís, junto a um pedido, verifica-se um pedido de desculpas e alguma menção ao aborrecimento causado.

Nas partes identificadas como mais restritas à variedade de emoções, ressaltamos a “saudação”, a “captação de benevolência” e a “conclusão”. Sobre essas partes cabem esclarecimentos sobre sua rigidez, de um lado, e sobre as possibilidades de escolha dadas ao emissor, por outro.

Começemos pela “saudação”. No âmbito das TD, a “saudação” é a parte em que se costuma observar as manifestações de apreço pelo interlocutor. No geral, nas cartas sob análise, constatamos a manifestação do afeto. A escolha por tratá-lo por “filho” é constante e parece estar ausente apenas nas cartas em que se manifesta mais “aflição” e pressa na resolução de problemas - em algumas destas, aparece apenas o nome do destinatário simplesmente. Entretanto, as manifestações de afeto na “saudação” são mais recorrentes e evidenciam-se também por outras escolhas lexicais: “meu”, “querido”, “presado”, “caro”. Assim, atestamos que a emoção expressa nessa parte das cartas, seguindo as TD, é o afeto. A liberdade do emissor está em expressá-lo ou não e nas escolhas lexicais que poderá utilizar para isso.

Ainda sobre essa questão, um achado nas cartas da Baronesa ao gênero instiga-nos: há uma distribuição quase equânime entre os adjetivos “querido” e “presado”, sendo que o primeiro é o mais usado nas primeiras cartas e o segundo nas últimas. Isso nos leva a refletir sobre as TD da época e o significado impresso a essas unidades lexicais, uma vez que atualmente “prezado” é considerado um adjetivo mais formal, porém nossas análises levam a crer que o grau de afeto entre sogra e gênero nas cartas foi-se acentuando ao longo do tempo. A nosso ver essa é uma questão que mereceria ser investigada mais detalhadamente em outras pesquisas, por não ser esse o foco de nossas discussões neste artigo.

Passando à “captação de benevolência”, as cartas revelam que é nessa parte em que são expressas as manifestações de “desejos e esperanças” – que, em geral, se referem a bons votos –, assim como, em cartas escritas em resposta, costuma-se mencionar aqui o apreço e a gratidão pela correspondência recebida (“Com muito praser recebi hontem vossa carta [...], a qual muito me alegrou [...]”, carta 1). Nas

cartas da Baronesa ao genro as emoções são sempre positivas nessa parte; a exceção ocorre em poucas ocasiões com, no máximo, manifestações de “preocupação”, como na carta que colocamos a título de exemplo no quadro 5. Desse modo, averiguamos que a variação nessa parte refere-se à presença ou ausência de uma manifestação sobre uma carta recebida ou no desejo que se quer emitir ao destinatário.

Ao chegarmos à parte da “conclusão”, observamos também que há certa restrição às emoções expressas. No que diz respeito às cartas da Baronesa ao genro, averiguamos que essa é a parte que há a demonstração de três emoções: o afeto, a gratidão e a saudade. Na maioria das cartas, observamos as três emoções expressas nesse espaço: “Queira aceitar *saudades*, e transmitir as mesmas, de todos, a Sophia, um *saudoso abraço* da minha parte, aceitando outro da *Mãe estremosa* que *muito o considera é Obrigada*” (carta 1). Em outras, apenas duas delas estão presentes: “Aceitae minhas *saudades Vossa mãe* dedicada” (carta 3). Mesmo em cartas cujas manifestações de emoção são mais sucintas, a Baronesa costuma manter a manifestação de afeto junto à gratidão: “Sua *Mãe* muito *grata* Marequinha” (carta 10). Assim, concluímos que em suas cartas a Washington Luís essas emoções são frequentemente manifestadas, ao menos, nesse espaço. Entretanto, a única emoção que sempre se mantém em combinação com as demais - não a encontramos isoladamente - é o afeto.

Sobre as liberdades da emissora nesse espaço, mais uma vez recorreremos à análise de suas escolhas lexicais. Embora pareça haver uma “fórmula” de despedida nas cartas e algumas emoções devam estar presentes, analisando-as em sua cronologia, algumas escolhas nos chamam a atenção. A menor variação ocorre com relação à saudade: por vezes, encontramos o substantivo no singular ou no plural; em outras cartas, encontramos o adjetivo “saudoso(a)”. Entretanto, como o radical da unidade lexical se mantém, a variação mostra-se mais como uma opção sintática. Em relação à gratidão e ao afeto, a variedade implica outras questões.

Quanto à gratidão nas cartas, cumpre destacar as escolhas lexicais tendo em vista sua cronologia. Nas primeiras cartas, datadas de 1900 até 1909, é muito comum o uso da fórmula “é obrigada”. A partir de 1913, passa a ser mais comum nas cartas da Baronesa a escolha pelo adjetivo “grata”. Coincidentemente, a escolha desse adjetivo passa a ser a mais recorrente após os auxílios prestados por Washington Luís à Baronesa em relação a seus negócios. Duas questões nos chamam atenção sobre essas escolhas. A primeira diz respeito ao significado de “obrigada”, sobretudo na manutenção da passiva, que é utilizada nas cartas. Nesse caso, se tivéssemos o sentido literal (e não o convencionalizado), haveria uma Baronesa que se sentiria em “obrigação” para com o genro. No entanto, não é isso o que ocorre: como já dito, a partir do momento em que os auxílios financeiros e administrativos se estabelecem, vemos a opção pelo adjetivo “grata”, o que talvez demonstre que a emoção da gratidão (nessa relação entre sogra e genro) tenha se intensificado para além de uma “obrigação”. Ademais, quanto às TD, chama-nos a atenção a diferença entre

as escolhas lexicais contemporâneas, pois atualmente a utilização de “obrigada” é considerada mais informal que “grata”; sendo assim, numa escolha contemporânea entre pessoas com alto grau de intimidade, a primeira forma seria a esperada. Nesse sentido, assim como afirmamos, sobre “prezado” e “querido”, nos parece que seria interessante uma análise sobre o uso dessas palavras em cartas da época.

No que diz respeito ao afeto, também consideramos interessante observar a liberdade da remetente, no âmbito das TD, pensando na cronologia das cartas e no grau de intimidade que se vai constituindo entre os interlocutores. Escolhemos, primeiramente, analisar os verbos utilizados pela Baronesa para mostrar seu apreço pelo genro. O verbo mais utilizado para isso é o “estimar”, porém encontramos também os verbos “considerar” e “querer”. O “estimar” perpassa toda a sequência das cartas e, por isso, talvez possa ser considerado o mais convencional nas TD. O verbo “considerar” aparece mais nas primeiras cartas, enquanto o “querer” (“que o quer”), apresenta-se apenas a partir de 1914, quando a intimidade entre os interlocutores passa a se estreitar, seja pela passagem do tempo, seja pela maior presença de emoções negativas (aborrecimento, vergonha, raiva etc.). Tal análise é corroborada quando averiguamos a presença do adjetivo “affectuoso(a)”, já abordado anteriormente, que passa a ser utilizado com frequência nessa parte das cartas, a partir de 1914.

Observando, assim, as emoções e sua relação com as TD, verificamos que no âmbito das cartas pessoais aqui analisadas, há lugares privilegiados para a demonstração de certas emoções, o que evidencia como aquele que escreve a carta pessoal segue determinados modelos e fórmulas convencionalizadas pelo uso. Essas TD não impedem, porém, que a subjetividade do emissor seja demonstrada.

Considerações finais

A descrição das emoções da Baronesa expressas nas cartas dirigidas a seu genro Washington Luís envolveu acionar pelo menos duas frentes de trabalho: o levantamento de unidades lexicais e sintáticas que expressam suas emoções, direta ou indiretamente, e a identificação das TD atreladas às cartas pessoais e ao momento em que foram escritas. Especificamente, identificamos o lugar em que emoções podem ser e são expressas. Embora pareça óbvio, identificamos no *núcleo* das cartas o espaço profícuo para as emoções variadas (negativas e positivas), mas também sua manifestação em outras partes, como na *saudação* e na *conclusão*, contendo emoções positivas em grande parte e que, em certa medida, configuram a repetição de TD.

Convém expor aqui o fato de que a fazenda Santo Antônio, cujos problemas administrativos relatados nas cartas foram a causa de emoções negativas, foi vendida em 1916 para a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, que estava formando diversos hortos florestais no Estado de São Paulo para a manutenção das estradas (Martini 2004). Quem sabe tenha a Baronesa finalmente descansado desse fardo.

Atualmente, a área da fazenda e de outras incorporadas antes de 1916 ao horto compõe o Parque Estadual Edmundo Navarro de Andrade de Rio Claro¹⁵.

Em nossas palavras finais, cumpre-nos destacar que, embora tenhamos dividido as emoções entre positivas e negativas para fins de análise, seguindo uma tipologia e algumas acepções retiradas de um dicionário de língua, nem sempre as emoções podem ser assim classificadas e algumas delas se mostram ambíguas no âmbito dos textos. Isso se evidencia, por exemplo, com as emoções “ansiedade” e “saúde”. Essas emoções muitas vezes aparecem relacionadas nos textos, em que a Baronesa demonstra estar ávida por rever os netos, a filha e o genro, o que não configura a “ansiedade” como uma emoção negativa. Do mesmo modo, embora a “saúde” esteja frequentemente associada ao amor que a Baronesa sente pelos seus, em algumas cartas, aparece como uma emoção que pode causar “tristeza”, devido ao distanciamento que separa pessoas que se querem bem.

Sobre as TDs e as cartas pessoais, parece-nos relevante intensificar os estudos sobre o período histórico e as escolhas lexicais disponíveis, sobretudo nas partes mais convencionalizadas, o que nos permitiria analisar de forma mais aprofundada e acertada quais são as imposições das TD e o que caracteriza a individualidade de quem escreve. Nesta análise, procuramos não fazer afirmações por demais generalizantes, tendo em vista as restrições de nosso *corpus*. Levantamos, porém, algumas hipóteses e perguntas que poderiam ser testadas em trabalhos futuros. Por fim, não menos importante será a análise das emoções em cartas lavradas por outros membros da mesma família, como os filhos e netos da Baronesa (cunhados e sobrinhos de Washington Luís), já que alguns temas são comuns nessas cartas, como os problemas relacionados à administração da fazenda Santo Antônio. Os cunhados, em especial, demonstram quase sempre a relação simétrica para com o destinatário, seja pela idade próxima, seja pelo parentesco em si.

¹⁵ Recentemente, foi inaugurado no referido parque o ‘Jardim da Baronesa’: “[c]ompletamente abandonada, repleta de plantas invasoras, a área do Jardim da Baronesa, localizada nas proximidades do Solar Navarro de Andrade, escondia no seu desenho original, passeios e canteiros demarcados por tijolos, que um dia, possivelmente, abrigaram rosas.” (Silva; Malaspina 2021, p. 11).

Referências

Almanak do São João do Rio-Claro para o ano de 1873. Organizado por Thomaz Carlos de Molina e publicado por José Maria Lisboa. Edição fac-similar, introdução de Ana Maria de Almeida Camargo. São Paulo: IMESP/DAESP. Disponível em <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/117>. Acesso em 17/10/2023.

CAMPOS, E. Os Pais de Barros e a Imperial Cidade de São Paulo. *Informativo Arquivo Histórico Municipal*. ano 3, n. 16, 2008. Disponível em <http://www.arquiamigos.org.br/info/info16/i-estudos.htm>. Acesso 22/11/2023.

CAMPOS, E. No caminho da Luz: antigos palacetes da elite paulistana. *Anais do Museu Paulista*. v. 13, n. 1, p.11-57, 2005. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0101-47142005000100002>. Acesso em 09/09/2023.

CARNEIRO, Z. O. N.; LACERDA, M. F. O.; BATISTA, P. S. E. T. Estudo diatópico-diacrônico das formas *tu* e *você* em cartas pessoais novecentistas paulistas e baianas. *Confluência*. Rio de Janeiro: Linceu Literário Português, n. 60, p. 485-510, 2021.

CASTILHO, A. T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto.

CASTILHO DA COSTA, A. Ação - Formulação - Tradição: a correspondência de Câmara Cascudo a Mário de Andrade de 1924 a 1944, entre proximidade e distância comunicativa. In: MARTINS, M.A.; TAVARES, M.A. (org.) *História do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte: análise linguística e textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade (1924-1944)*. Natal: EDUFRN, 2012, p. 143-184.

Corpus do Projeto de História do Português Paulista. Disponível em <http://phpp.fflch.usp.br/corpus/>. Acesso aberto permanente.

CRUSE, D. A. *Lexical Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

DEAN, W. *Rio Claro*. Um sistema brasileiro de grande lavoura - 1820-1920. Rio de Janeiro: Paz e Terra, tradução de Waldívia M. Portinho. 1977.

DEMSZKY, D. *et al.* GoEmotions: A Dataset of Fine-Grained Emotions. In *Proceedings of the 58th Annual Meeting of the Association for Computational Linguistics*, Online. Association for Computational Linguistics, p. 4040–4054, 2020. <http://dx.doi.org/10.18653/v1/2020.acl-main.372>. Acesso em 25/09/2023.

Dicionário Aulete Digital. Disponível em www.aulete.com.br. Último acesso em 10/11/2023.

FARIA, I. H. Expressões idiomáticas, metáforas, emoções, sentidos figurados e sujeitos experienciadores. In: FARIA, I. H. (org.) *Lindley Cintra: homenagem ao homem, ao mestre e ao cidadão*. Lisboa: Edições Cosmos, 1999. p. 377-402.

FERRAZ, J. R. *História do Rio Claro: a vida, seus costumes e seus homens*. São Paulo, Typ. Hennies Irmãos, 1922.

FISCHER, A.; MANSTEAD, A. Social Functions of Emotion. In: LEWIS, M.; HAVILAND-JONES, J.; BARRETT, L. (ed.) *Handbook of Emotions*. New York/London: The Guildford Press, 2008, p. 456-468.

HOMEM, M. C. N. *O Palacete Paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira*. 1867-1918. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ILARI, R. (org.) *Palavras de classe fechada*. São Paulo: Contexto, 2015.

ILARI, R.; GERALDI, J. W. *Semântica*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1992.

JACOB, D. ¿Representatividad lingüística o autonomía pragmática del texto antiguo? El ejemplo del pasado compuesto. In Jacob & Kabatek (eds.) *Lengua medieval y tradiciones discursivas en la Península Ibérica. Descripción gramatical – pragmática histórica - metodología*. Frankfurt am Main: Vervuert; Madrid: Iberoamericana, 2001, p.153-176.

KABATEK, J. Tradições Discursivas e Mudança Linguística. In: LOBO, T.; RIBEIRO, I.; CARNEIRO, Z.; ALMEIDA, N. *Para a História do Português Brasileiro*, vol. VI: Novos dados, novas análises. Salvador: EDUFBA, Tomo II, 2006, p. 505-527.

KEWITZ, V. (ed.) *Cartas Familiares: em torno de Washington Luís*. Edição de cartas paulistas da 1ª metade do século XX. São Paulo, FFLCH, USP, 2016. Disponível em <https://phpp.fflch.usp.br/corpus>. Último acesso em 25/11/2023.

KOCH, P.; OESTERREICHER, W. *Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch*. Berlin: De Gruyter, 1990.

KOVECSES, Z. *Metaphor and emotion: Language, Culture, and Body in Human Feeling*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

LOPES, C. R. S. *et al.* A reorganização do sistema pronominal de 2ª pessoa na história do português brasileiro: a posição de sujeito. In: LOPES, C. R. S. (org.). *História do português brasileiro: mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista*, vol. 4, São Paulo: Contexto, 2018, p. 24–141.

LOPES, C. R. Tradição Textual e mudança linguística: aplicação metodológica em cartas de sincronias passadas. In: MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. (org.). *História do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte: análise linguística textual da correspondência de Luís Câmara Cascudo a Mário de Andrade 1924 a 1944*. Natal: EDUFRN, 2012, p. 17-54.

MARTINI, A. J. *O plantador de eucaliptos: a questão da preservação florestal no Brasil e o resgate documental do legado de Edmundo Navarro de Andrade*. Dissertação de Mestrado (História Social), FFLCH, USP, São Paulo, 2004.

MONTE, V. M. Forms of address in São Paulo: A historical approach. In: HUMMEL, M.; LOPES, C. R. (orgs.). *Address in Portuguese and Spanish: Studies in Diachrony and Diachronic Reconstruction*. Berlin: De Gruyter, 2020. p. 207-226.

MONTE, V. M. *Correspondências paulistas: as formas de tratamento em cartas de circulação pública (1765-1775)*. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2015.

MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Tradução de Eliane Lisboa. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MOTTA, H. A. L. *Uma menina paulista*. São Paulo: Totalidade Editora, 1992.

OESTERREICHER, W. Progressos recentes no campo da linguística diacrônica de corpus. A historicidade da linguagem: idioma, variedades e tradições discursivas no marco de uma semiótica social. In: SANTIAGO-ALMEIDA; M. M.; HERNADES, M.C. (org.) *História do Português Paulista*. Série Estudos, Vol. III, Campinas: IEL Publicações/FAPESP, 2012, p. 73-86.

- SANTOS, F. A. *Rio Claro*. Uma cidade em transformação (1850-1906). São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002.
- SCHERRE, M.M. *et al.* Usos dos pronomes *Você* e *Tu*. In: MARTINS, M.A.; ABRAÇADO, J. (org.). *Mapeamento linguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 133-172.
- SILVA, C. I.; MALASPINA, O. (org.) *Jardim da Baronesa*. Um espaço para as abelhas nativas. Franca: Artefato Edições. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/351761241_e-book_Jardim_da_Baronesa_um_espaco_para_abelhas_nativas/citation/download. Acesso em 15/10/2023.
- SIMÕES, J. S.; KEWITZ, V. *Cartas Paulistas dos Séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Humanitas, 2006. Disponível em <https://phpp.fflch.usp.br/corpus>. Acesso em 15/11/2023.
- SOARES DA SILVA, A. Emoções, cognição e variação intralinguística e cultural. In: BATORÉO, H. (ed.) *Linguagem – Cognição – Cultura: Teorias, aplicações e diálogos com foco na Língua Portuguesa (Português Europeu e Português do Brasil)*. Lisboa: Universidade Aberta, 2022, p. 46-83.
- SOARES DA SILVA, A. Exploring the cultural conceptualization of emotions across national language varieties: A multifactorial profile-based account of PRIDE in European and Brazilian Portuguese. *Review of Cognitive Linguistics*, v. 18, n. 1, p. 42-74, 2020.
- VILELA, M. O léxico do Português: perspectiva geral. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 1, p. 31-50, 1997. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i1p31-50>. Acesso em 07/12/2023.
- WIDEN, S.; RUSSELL, J. Young Children's Understanding of Others' Emotions. In: LEWIS, M.; HAVILAND-JONES, J.; Barrett, L. (ed.) *Handbook of Emotions*. New York/ London: The Guildford Press, 2008, p. 348-363.